

BIOTECNOLOGIA

Uma rede "para casar" a tradição e a inovação

PRODUTIVIDADE E INOVAÇÃO 16 e 17



NOVO BANCO

Mais de 90% aceita primeira oferta da nova gestão

EMPRESAS 10



COMÉRCIO EXTERNO

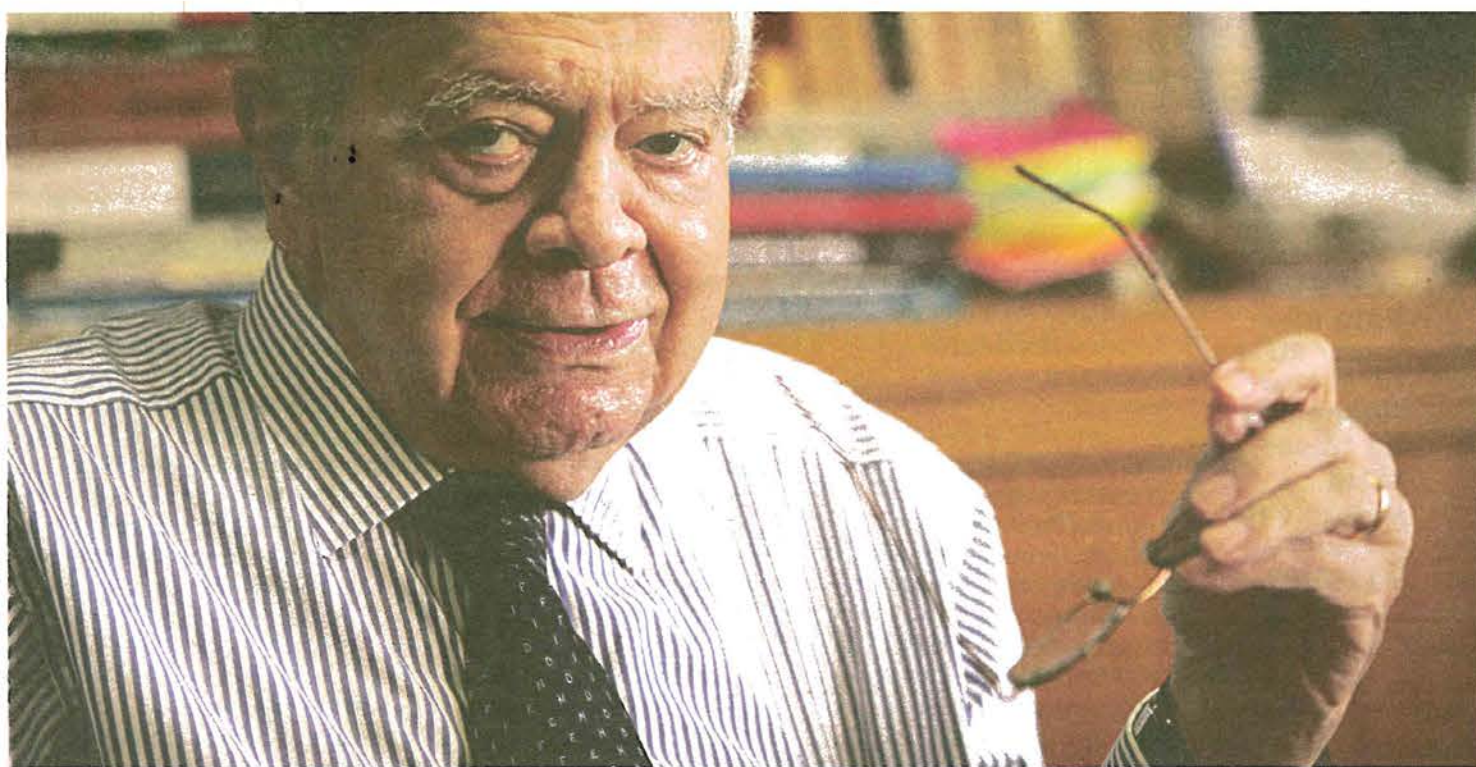
Foram criadas quatro vezes mais importadoras do que exportadoras

PRIMEIRA LINHA 4 a 7

Educação e casa já não vão agravar IRS

Governo volta atrás e mantém a educação como uma dedução autónoma | Cláusula de salvaguarda trava efeito do fim da dedução dos encargos com habitação | Pensões médias e altas vão mesmo poupar no IRS | Só carros eléctricos ou híbridos têm incentivos

ECONOMIA 18 e 19



"A nossa Justiça é absolutamente kafkiana", diz o advogado.

ENTREVISTA **ANTÓNIO SERRA LOPES**



Este Governo não tem uma ideia de país

Living
VINTAGE

T1·T3·T4 Marque a sua visita

Av. Duque d'Ávila | R. Pinheiro Chagas - Lisboa 21 712 25 00 | 96 728 53 95 | www.livingvintage.com.pt

Construção | Promoção

Sedil

Publicidade

BAKER TILLY
Audítores & Consultores

Seminário:
Controlos Gerais
Informáticos

Lisboa
bakertilly.pt

Banca

Passar nos testes de stress é bom sinal? Nem sempre

MEPCAD05.24 e 25



BRA SIL

Os indecisos vão decidir as eleições presidenciais este domingo

ANTÓNIO SERRA LOPES

Weekend
negócios



SEXTA
24.10.14

A nossa Justiça é
absolutamente kafkiana



04
05

Sexta-feira / 24 de Outubro de 2014 / Negócios

ENTREVISTA

ANTÓNIO SERRA LOPES

JOÃO MALTEZ

PEDRO ELIAS



Este Governo não tem uma ideia de país

Completo este ano oito décadas de vida e cinco de exercício de uma profissão. No gabinete de advocacia, onde ainda vai todos os dias – na sua perspectiva agora já “à malandro” – respira-se essa realidade. Em livros, quadros e retratos. Lá está Maria de Jesus Serra Lopes, a sua mulher. Lá estão os netos. Lá estão também alguns dos seus amigos: Sá Carneiro, Mário Soares ou Jorge Sampaio. Na política, diz, o coração bate pelo centro-esquerda. Preocupa-o, ao cidadão António Serra Lopes, a forma como a riqueza é distribuída; e também a falta de um rumo para o país e para a Europa.

Aos 80 anos, é daqueles advogados que faz questão de continuar a estar todos os dias no escritório?

Venho todos os dias ao escritório, mas já venho “à malandro”.

Já vem “à malandro”? O que é que quer dizer com isso?

Deixei de ter horários madrugadores. Moro em Cascais [o escritório é em Lisboa]. No último grande processo em que trabalhei, o processo Casa Pia, as sessões de julgamento, que decorreram no antigo Tribunal Militar, na Graça, começavam às 9 da manhã. Tinha de sair de casa entre as 6h30 e a 6h45. Tendo esse processo, que me ocupou estes últimos 12 anos da minha vida, já nessa altura tinha a liberdade de vir às horas que quisesse. Não marcava nada para antes das 11 horas, porque saía de casa às 10h30 e às 11 conseguia estar no escritório. Agora, venho trabalhar, normalmente, durante a tarde. Só venho de manhã quando é mesmo preciso.

Um advogado nunca se reforma?

Estou oficialmente reformado desde os 65 anos.

Mas continua a trabalhar.

O problema do advogado ter ou não de se reformar está ligado basicamente ao facto de ter ou não capacidade para continuar a servir o cliente. Porque se fica “balhelhas” pode começar a dar indicações erradas. Caso contrário, o trabalho continua a ser feito, embora com outro ritmo. Não sei se o Carlos Lopes continua a fazer maratonas, mas certamente que ainda é capaz de correr. Sei que já não consigo fazer “maratonas” nos tribunais, mas ainda sou capaz de trabalhar. As arbitragens são uma das coisas que ainda faço. A minha última grande arbitragem, enquanto árbitro presidente, foi uma do grupo Amorim contra a REN. Do ponto de vista do valor envolvido, 40 milhões de euros, foi uma arbitragem grande.

Já leva 50 anos a lidar com a Justiça, sector que nos últimos tempos tem estado na

ordem do dia, nomeadamente com a recente reforma do mapa judiciário. O que significa para si essa mudança?

É o resultado de uma ignorância total do que é a realidade do país. De 231 comarcas, passamos para 23. É mais uma forma de contribuir para a desertificação do país. Vão-se fechando serviços no interior. Concentra-se tudo no litoral.

Esta mudança é apontada como uma forma de melhorar o nosso sistema de Justiça. Pelos vistos, não concorda. É isso?

Nos meus tempos de estudante, uma das coisas que fazia para ganhar a vida era traduzir. Uma das coisas que traduzi foi os contos do Kafka.

Quer com isso dizer que a nossa Justiça é kafkiana?

É absolutamente kafkiana.

É kafkiana porque? Como é que pode tornar-se menos complicada?

Dou-lhe um exemplo: aconteceu-me ter um processo num juízo cível de Cascais. Tinha um outro processo num juízo cível ao lado, na porta ao lado. Pedi a apensação dos processos [com a apensação, as várias causas ficam unificadas sob o ponto de vista processual]. Foi-me respondido que nem pensar. Tive de ir lá, tive de pedir uma certidão que leva oito dias a fazer e tive, depois, de levá-la para a entregar seis metros ao lado.

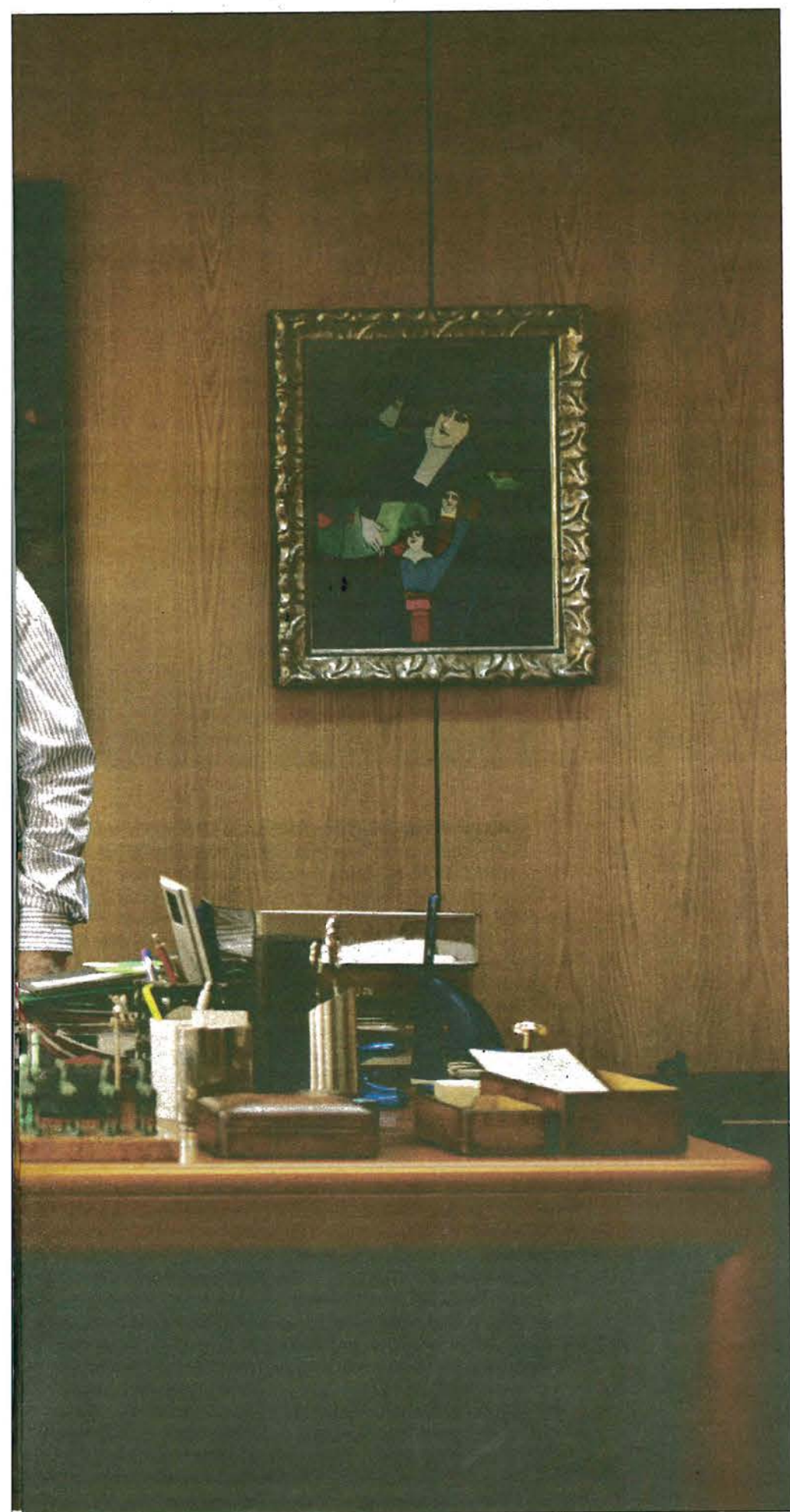
Há quem diga também que a Justiça é cara e que não está ao alcance de todos. A Justiça, além de kafkiana, é cara?

O Kafka nunca se referiu às custas da Justiça [risos]. Mas é de facto cara. Aliás, o chamado apoio judiciário resulta de quê? Resulta de haver muitos pobres e de a Justiça ser cara. Esse é também um tema que deu origem a uma briga desgraçada.

A que briga se refere?

A ministra da Justiça era a favor da existência de um núcleo de defensores oficiosos, como há nos Estados Unidos. Mas, aqui, a

>>> página 6



ANTÓNIO SERRA LOPES

>>> página 5

Ordem dos Advogados não quer que o sistema funcione dessa forma. Actualmente, o juiz concede a assistência judiciária e depois pede à Ordem que nomeie um advogado. Pela lei anterior, era possível nomear estagiários para essas defesas oficiosas. Mas a Ordem, com Marinho e Pinto, arranhou lá uma "jigajoga" que reduziu a assistência judiciária a um núcleo fechado de advogados.

O argumento da Ordem é que os advogados-estagiários não têm ainda experiência suficiente para assegurar uma defesa digna dessas pessoas.

Tenho uma neta que acabou medicina. Nos próximos dois anos vai fazer pensos e suturas para os hospitais. Vai aprender, naturalmente sob vigilância de profissionais com conhecimento. Os advogados-estagiários, que são obrigados a fazer um ano e meio de estágio, podiam assegurar, e realmente faziam-no, essas defesas oficiosas. Os miúdos [advogados-estagiários] adoram isso. Tinham maus resultados? Tinham tão bons resultados quanto os advogados nomeados pela Ordem para o apoio judiciário. Marinho e Pinto chegou a dizer publicamente: "As cadeias do país estão 'atulhadas' de presos defendidos por estagiários". Pessoalmente, posso garantir que o número de indivíduos que foram defendidos por estagiários e estão presos e os que o foram por advogados deve ser ela por ela.

O senhor é sócio-fundador de uma sociedade de advogados [Serra Lopes, Cortes Martins & Associados]. Há 50 anos, quando começou a exercer advocacia, não havia estruturas com estas características no país...

Era proibido criar sociedades de advogados. Toda a gente dizia que era uma forma de angariar clientes e de fazer concorrência desleal [aos advogados que trabalhavam de forma isolada]. Em Inglaterra há sociedades de advogados desde o século XIX. Em Portugal, foi o governo de Maria de Lourdes Pintassilgo que criou a primeira lei para as sociedades de advogados. A sociedade que criei, com a minha mulher [a bastonária Maria de Jesus Serra Lopes], começou por ser uma espécie de "escrito" – não era um escritório, porque era um espaço muito pequenino. Se a minha mulher recebia um cliente, eu saía. Se fosse eu a receber o cliente, saía ela.

Só que a realidade mudou nas últimas décadas. O seu escritório ganhou dimensão. Surgiram sociedades com várias dezenas e até centenas de advogados. Que realidade é esta?

A minha opinião sobre as sociedades de advogados é relativamente isenta, porque não estou no núcleo dos dez "tubarões" de que fala um livro recente, "Os Facilitadores". Tenho a melhor relação e sou amigo dos chefes dessas sociedades. São realidades inegáveis e as contas dessas sociedades são públicas, estão depositadas na Ordem dos Advogados.

As sociedades de advogados são "facilitadoras"?

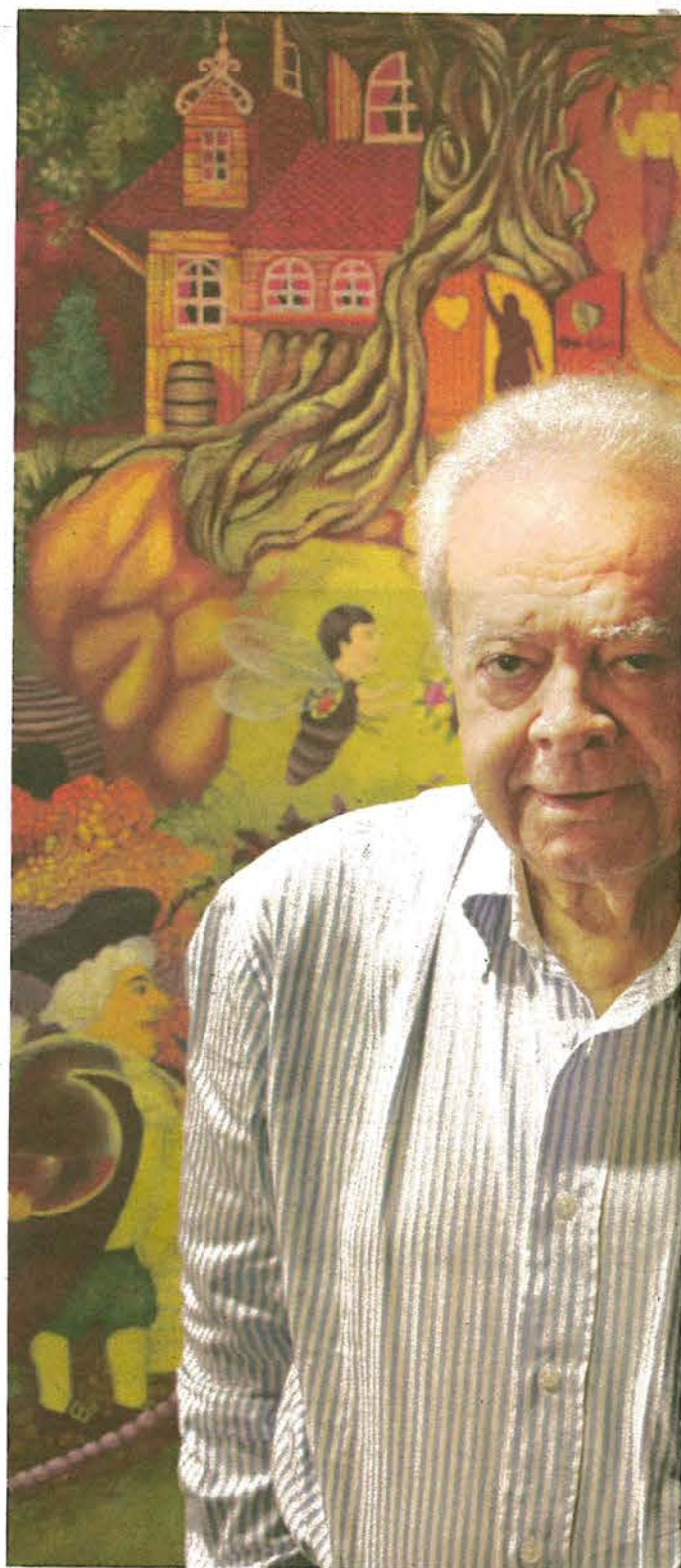
As sociedades de advogados representam, do ponto de vista técnico, mais garantias para o cliente. É como a medicina. Quando temos uma doença não específica, vamos ao médico de clínica geral. Quando é um caso de especialidade, vamos a um especialista. O princípio da especialização está a verificar-se. Facto que ganha maior importância numa altura em que se legisla que nem loucos. Claro que hoje há uma vantagem, porque vamos ao computador e conseguimos aceder facilmente ao Diário da República. Mas não é a mesma coisa...

Hoje, um advogado isoladamente não consegue dar resposta a todas as questões que o cliente lhe coloca?

Sou do tempo em que olhavam para o advogado como um indivíduo que tinha uma áurea quase profética. Uma vez, apareceu-me um cliente que me disse o seguinte: "Sôtor, tenho aqui um problema por causa lá da quinta, porque a minha vizinha tirou a rede, depois voltei a pôr a rede... O que é que posso fazer?". Eu respondi: "Temos de fazer uma acção de marcação." Depois daquilo: "Sôtor, e as licenças de caça? É preciso renová-las de quanto em quanto tempo?" Hoje, as sociedades de advogados trabalham sob o princípio da especialização, porque o Direito hoje é muito diversificado. É preciso que haja sociedades de advogadas. Se calhar, o seu funcionamento tem de ser mais regulamentado.



Olhando agora para trás, a forma como aderimos à Europa foi uma burrice. Primeiro, deu origem a uma data de médiocres que apareceram na política. Segundo, porque o tratado de adesão é um tratado de submissão.



Já lhe passaram pelas mãos centenas de casos, alguns dos quais de grande complexidade e mediatismo. Pode dizer-se que o processo Casa Pia foi aquele que mais o marcou?

Não! Foi um processo que aceitei, porque sou amigo do Carlos Cruz, desde que ele veio de Angola. Já era advogado da empresa dele. Mas foi um processo em que os meus honorários foram zero. Meti-me nesse processo, mas nem sabia o que era. O processo Casa Pia é uma monstruosidade imensa do ponto de vista de Justiça. Sabe o que é ouvir 810 testemunhas? É um processo que tem 430 volumes. No computador, vai já em 80 gigas. Ocupou-me 12 anos. Aliás, é um processo que ainda está a mexer. Movemos uma acção no Tribunal dos Direitos do Homem, contra o Estado, teremos de esperar que uma das acções transite em julgado, para depois movermos uma acção extraordinária de revisão. Aí é que a idade já me preocupa um bocadinho.

Não sendo esse, qual foi o processo que mais o marcou?

Provavelmente, os processos da família de Francisco Sá Carneiro – ele já tinha morrido – contra o jornal O Diário e seu director, Miguel Urbano Rodrigues. Em primeira instância perdemos todos os oito processos-crime. Foi um trabalho estafante. Pedi ao Ricardo Sá Carneiro, o irmão de Francisco, para me arranjar alguém com quem pudesse trabalhar. Lá apareceu o Daniel Proença de Carvalho, que me deu a mão. Eu fiquei com quatro dos processos e ele com três. Houve um que caiu. Na altura, o PCP, O Diário e O Avante, comiam-nos as "papas da cabeça". Em primeira instância, perdemos tudo. No Supremo, acabámos por ganhar todos os processos, mas isso levou-nos seis a sete anos.

Um dos cargos que ocupou, ainda antes do 25 de Abril, foi o de



director jurídico do Grupo CUF. Como é que recorda essa faceta da sua vida profissional?

Fui advogado da CUF, o que digo com um certo orgulho. Foi uma grande escola e era um grupo empresarial a sério. O meu gabinete tinha, de ambos os lados, pastas para todas as empresas do grupo, que eram umas 180. O papel do director jurídico era colaborar com a administração superior, os Mello. Por ali passava tudo o que era de relevo, fosse a mudança de estatutos de uma das empresas, fossem os contratos com o estrangeiro. A CUF tinha uma excelente organização. Obviamente que os donos do Grupo eram salazaristas, mas tinham uma grande contemporização para com algumas pessoas que lá trabalhavam e que defendiam outras posições políticas.

Quem eram essas pessoas?

Por exemplo, o [António da] Costa Leal [ministro do Trabalho no 3.º Governo Constitucional], que chegou a ser administrador na CUF, na altura estava ligado ao PCP. Bem como o Esteves Belo ou o Sá da Costa, além de mais uma série de gente. Ou seja, todos trabalhavam lá dentro, independentemente do que pensavam politicamente, e tudo funcionava num perfeito entendimento. Lembro-me de um dia o Jorge de Mello me ter chamado para me dizer que queria apresentar-me a aquele que viria a ser, em sua opinião, o futuro director financeiro da CUF. Cheguei ao gabinete do Jorge de Mello, chamou uma pessoa, entrou, cumprimentámo-nos. Era um puto gordo, o Eduardo Catroga, que teria na altura uns 27 anos. E a verdade é que chegou depois a administrador da CUF.

É público que o senhor não era propriamente um adepto do Estado Novo. Essa cultura de contemporização dentro do Grupo CUF, de que falava, também lhe era aplicada, presumo.

Nunca me senti constrangido. Algumas vezes, não muitas, esti-

A nossa justiça é absolutamente kafkiana. [...]

O chamado apoio judiciário resulta de quê? Resulta de haver muitos pobres e de a justiça ser cara.



ve mesmo no [Tribunal] Plenário para defender militantes comunistas. Nunca me chatearam por isso. Nos tempos do professor Salazar ou do Marcello Caetano, obviamente eu era do contra. Na altura que fui presidente da Associação Académica de Direito, fui eleito numa lista de esquerda, contra o meu grande e chorado amigo Miguel Quina, a quem ganhei por um voto. De tal forma que, com ironia, muitos me diziam o seguinte: “Olha que eu é que te dei a vitória! Se tivesse votado no Quina...”.

Frequentou Direito na mesma época de Mário Soares.

Fui colega de curso do Mário Soares, que é mais velho do que eu dez anos. Ele primeiro fez Letras. Quando eu e a minha mulher tínhamos 18 anos e ele 28, entrámos na Faculdade do Campo de Santana para fazer Direito. Esta fotografia [uma das fotos expostas no gabinete de António Serra Lopes] é dos 25 anos do nosso curso. Sou eu, a minha mulher, o Mário Soares e a Maria de Jesus Barroso. É engraçado, porque as nossas mulheres têm o mesmo nome. Quando nos encontramos, perguntamos sempre um ao outro pela respectiva Maria de Jesus [risos].

Um ano depois do 25 de Abril, em 1975, foi viver para o Brasil. Porquê?

Estive no Brasil, mas não era um refugiado político. Na altura, no Grupo CUF, como deve supor, ganhava muito bem. É verdade que trabalhava que nem um cão. Quando começaram aquelas loucuras do tempo de PREC, de vez em quando ia ver na parede e havia mais uma companhia que tinha sido nacionalizada. Tinha por isso cada vez menos que fazer. Três anos antes do 25 de Abril, tínhamos feito uma associação com um grande escritório de advocacia brasileiro – Gouveia Vieira, José Nabuco & Associados. Um dia, em conversa com o José Nabuco, ele disse-me o seguinte: “Serra Lopes, o que vai você

>>> página 8

ENTREVISTA
ANTÓNIO SERRA LOPES

>>> página 7

fazer em Lisboa? Já viu, os 'caras' deitaram fogo à Rádio Renascença!" Eu desvalorizei.

Mas acabou por aceitar o desafio e foi trabalhar com eles.

Nem se pode dizer que eu tenha ido para um paraíso de liberdade, porque o Brasil estava em plena ditadura dos generais. Só que os advogados brasileiros ofereceram-me trabalho, aceitei e fui para lá. Fui trabalhar para um gabinete com vista para o estádio do Maracanã. Era advogado sénior e fiquei com toda a área da Europa. Voltei a Portugal cerca de quatro anos depois.

Que país encontrou quando regressou?

Quando voltei, estava no poder um grande amigo meu, o Francisco Sá Carneiro, que me convidou para um cargo no Governo. Disse-me que precisava de alguém que o assessorasse com a comunicação social.

O que é que lhe respondeu?

Que não podia aceitar. "Venho agora do Brasil, ganhei bem, mas também gastei bem. Por isso, preciso de trabalhar", respondi-lhe. Ele virou-se para a Conceição Monteiro, a sua perpétua secretária, e disse-lhe: "Conceição, pergunta aí quanto é que ganha um secretário de Estado?". Ela fez uns telefonemas e veio com a resposta de que o salário de um secretário de Estado era 42 contos. Eu tinha acabado de chegar a Lisboa, onde arrendei um escritório que me custava 41 contos. Disse-lhe que não, mas acabei por fazer um pacto com o Sá Carneiro: "Tudo o que precisar de coisas jurídicas esteja à vontade. Sempre que precisar, você chama-me. Mas não me ponha num lugar oficial".

Nunca se envolveu de forma directa na actividade política?

Não. Tive vários convites, mas nunca aceitei. Um deles foi do Cavaco. Não directamente, mas mandou alguém perguntar-me se estaria disposto a colaborar com ele, como ministro da Justiça. Respondi que não. Embora tivesse mantido sempre uma linha mais ou menos soarista ou social-democrata, nunca me filiei.

Olhando para trás, e para o processo de democratização do país, o que é que correu menos bem para que tivéssemos chegado à situação em que actualmente estamos?

Olhando agora para trás, a forma como aderimos à Europa foi uma burrice. Primeiro, deu origem a uma data de mediocres que apareceram na política. Segundo, porque o tratado de adesão é um tratado de submissão. A Europa encheu-nos de "cacau", mas obrigou-nos a destruir o nosso tecido produtivo. O dinheiro era muito, mas só podia ser utilizado em formação... Uma vez apareceu-me uma senhora que estava falida. Tinha criado uma escola de "manicure", porque havia um amigo dela que estava ligado à concessão de subsídios e lhe arranhou uma pipa de massa. E foi com exemplos destes que o dinheiro se gastou.

Desbaratámos o dinheiro que veio de Bruxelas?

Desbaratámos dinheiro estupidamente, mas também fomos deixando destruir aos poucos a nossa estrutura de vida. Porque eles disseram-nos: "Nas pescas, vocês têm 50 ou 60 traineiras, isso é um disparate. Na agricultura, vocês estão com essa mania de plantar mais batatas e mais cereais. Não o façam, a gente paga." E eles pagavam. Era um perfeito disparate. O mercado comum pagava para arrancarmos vinha. Depois pagava para plantarmos vinha. As estruturas de produção do país nessa altura foram seriamente abaladas.

Não consegue retirar nada de positivo da nossa entrada na então Comunidade Económica Europeia?

Há, sem dúvida, coisas positivas. Mas o Fundo Social Europeu foi das coisas mais perversas que houve. Por exemplo, na agricultura, os dinheiros que vieram foram logo transformados em jipes.

Hoje ouvimos alguns responsáveis políticos dizer, como o Presidente da República, que é necessário reconstruir a nosso tecido produtivo, voltar a apostar na indústria, na agricultura e no mar. Como é que vê este discurso, sabendo que se passou o que descreveu?

Cavaco Silva foi primeiro-ministro dez anos em momentos de prosperidade. Vieram para o país milhões e milhões de contos, de-



Diz-se que é preciso trabalhar muito e pagar as dívidas todas. Com certeza, mas devagar. Estamos hoje numa inferioridade diplomática que é muito superior à inferioridade que resulta da nossa pequenez como país.

pois milhões e milhões de euros, em fundos comunitários. É claro que é possível dizer que algum desse dinheiro se transformou em coisas úteis. Algumas úteis demais. Por exemplo, quando vou ao Porto, tenho hipótese de escolher entre mais do que uma auto-estrada. Isso põe-me um bocado doente. Normalmente vou pela A16, que é tranquilíssima. Claro que houve investimentos que se fizeram que foram importantes. O país está muito diferente daquilo que era quando eu andava na faculdade.

E a livre circulação de cidadãos na União Europeia. Não a vê como positiva?

Viajava muito em turismo – eu e a minha mulher sempre fomos grandes viajantes –, mas também profissionalmente. Havia ocasiões em que levava quatro espécies de notas na carteira, em função dos países onde ia. Hoje há, de facto, uma série de comodidades. Mas considero que essa série de comodidades foi "ultra paga" pelos países.

Em termos políticos, essa realidade traduz-se em quê?

Na prática, isso significa que a Europa dos 28 continua, de facto, a ser a Europa dos três ou quatro, para não dizer a Europa de apenas um país.

Um país que manda na Europa?

Alguém continua a mandar. Só que esta Europa tem aí outros problemas. Não defendia o comunismo, mas a verdade é que a queda do muro de Berlim teve um efeito extremamente pernicioso, no sentido em que as direitas mais extremas quiseram deitar a mão àqueles países. Eu vivi num regime fascista em Portugal. Depois vivi durante um tempo num regime em que o primeiro-



-ministro era o Vasco Gonçalves. Depois vivi noutro, durante cinco anos, no Brasil. Depois vim para cá e vivi num regime democrata liberal. Mas foram períodos em que a malta sabia para onde ia. Na Europa, hoje, não se sabe para onde querem ir. Em Portugal, pergunta-se a Passos Coelho, e ele não nos sabe responder para onde vamos.

“Não se vê a luz ao fundo do túnel”, como popularmente se diz?

Estamos numa posição completamente lixada do ponto de vista político. Temos um Governo que é, em geral, muito mau. Temos um tipo que, presumo, mal o conheço, é honesto e decente, que é o Passos Coelho, mas que é um jovem. É preciso ter conhecido e ser amigo do Soares ou do Zenha para ver a diferença. Hoje, a situação é tramada e todos os dias acontece uma coisa pior do que a outra.

Não vê aí também as consequências directas da crise grave que vivemos e da necessidade, como diz o Governo, de “honrar compromissos assumidos”?

Diz-se que é preciso trabalhar muito e pagar as dívidas todas. Com certeza, mas devagar. Há uma coisa que se chama negociar. Há uma coisa que se chama diplomacia. Quem está no poder não sabe negociar. Estamos hoje numa inferioridade diplomática que é muito superior à inferioridade que resulta da nossa pequenez como país. Este Governo, acho-o altamente incompetente, com uma excepção ou duas. Sobretudo, não tem uma ideia de país.

Há alguém na política portuguesa que tenha uma ideia de país?

Nesse aspecto, quem tem uma ideia de país, embora seja a mesma de sempre, é realmente o Partido Comunista. Mas hoje em dia, na minha opinião, essa ideia é dificilmente enquadrável. Por outro lado, esta mediocratização de Portugal é acompanhada um pouco por

A António Costa era capaz de lhe dar um ‘coeficientezinho’ de esperança.

Acredito que há possibilidades de sairmos disto. Pode parecer uma bravata, mas quanto mais velho estou, mais esperança tenho.



toda a Europa. Veja-se o caso do [François] Hollande. Quando ganhou as eleições [presidenciais em França], pôs-se em bicos de pés, dizendo que ia desafiar a Merkel. Foi o que se viu.

A nível político, não vê ninguém em Portugal que consiga desafiar os poderes europeus?

A António Costa era capaz de lhe dar um “coeficientezinho” de esperança. É um homem inteligente, que pensa bem.

Há o exemplo de François Hollande. Poderá António Costa bater o pé a esta Europa, tal como ela funciona?

Há formas discretas de o fazer.

Que perguntas gostaria de ver respondidas por parte de alguém que diga que tem uma ideia de país?

A primeira resposta de que preciso é para a seguinte pergunta: “Como é que você vai distribuir a riqueza no futuro? Vai continuar a precisar de mulheres-a-dias a preços baratos, de alguém que faça o trabalho que outros não querem e que ganhe 400 euros? Ou está disposto a fazer qualquer coisa para desenvolver este país?” Para já não há respostas.

Inquieta-o o que possa vir aí no futuro e que país fica para os seus netos ou partilha a ideia que alguns expressam de que os portugueses têm sempre capacidade para dar a volta por cima e para ultrapassar situações difíceis?

Às vezes, os portugueses têm é capacidade para dar a volta por baixo [risos]. Não estou demasiado inquieto. Acredito que há possibilidades de sairmos disto. Pode parecer uma bravata, mas parece-me que quanto mais velho estou, mais esperança tenho. **W**